



A MORTE DO CRISTÃO EM TRANSFORMAÇÃO: AS CIDADES E O ESPAÇO DA MORTE

Solimar Guindo Messias Bonjardim^{*}
Universidade Federal de Sergipe – UFS
solmessias@yahoo.com.br

Daniel de Castro Bezerra^{**}
Universidade Tiradentes – UNIT
arkeos@oi.com.br

Maria Augusta Mundim Vargas^{***}
Universidade Federal de Sergipe – UFS
amundim@infonet.br

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo discutir as alterações causadas pela sociedade na morte do cristão e, conseqüentemente, na organização do espaço das cidades. A premissa inicial é que toda cidade ou espaço urbano é passível de reconstrução na medida em que a sociedade se desenvolve, isto é, se modifica, e consciente ou inconscientemente reorganiza seu espaço. Com essa afirmação, pode-se completar que a morte, como produto social, vai modificando o espaço das cidades juntamente com a sociedade. No decorrer da história são muitas as alterações que aconteceram no território da morte. Quando o Cristianismo se torna a religião oficial do Estado, a Igreja transforma a morte num ritual presente na vida diária das pessoas. Porém quando Igreja e Estado se separam outra transformação ocorre e a morte passa a não mais ocupar o mesmo território sagrado das Igrejas.

PALAVRAS-CHAVE: Modo de vida – Território da morte – Reorganização do espaço.

ABSTRACT: The aim of the present article was to discuss the changes caused by society in the Christian death and, consequently in the space organization of the cities. The initial premise is that any city or urban space is susceptible to reconstruction as long as the culture of the society advances, i.e., it is modified, and either conscious or unconsciously reorganizes its space. In this statement, it is possible to assert that death as social product has been modifying the space of the cities along with the society. Besides, some huge alterations in the territory of the death have taken place in the course of the history.

* Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe, membro do grupo de pesquisa Sociedade e Cultura da Universidade Federal de Sergipe. Doutorado em andamento em Geografia Universidade Federal de Sergipe, UFS.

** Professor Adjunto III da Universidade Tiradentes, mestre em Geografia com área de concentração em Arqueologia.

*** Professora Doutora do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, Coordenadora do grupo de pesquisa Sociedade e Cultura (UFS).

From the moment that Christianity becomes the official religion of the state, the church turned the death into a ritual presents in people's daily life. However, since Church and State tear apart other transformations are triggered so that the death would no longer occupy the same sacred territory of the Churches.

KEYWORDS: Way of life – Territory of the death – Space reorganization.

A descoberta da cidade é a de um labirinto do vivido eternamente renovável, onde o indivíduo que nele adentra não é um ser completamente perdido ou sem rumo. É alguém que lida com memória e sensação, experiência e bagagem intelectual, recolhendo os microestímulos da cidade que apresentam caminhos que se abrem e se fecham.¹

Dentre os muitos significados de cidade e/ou espaço urbano, pode-se dizer que seria uma povoação de primeira categoria, de maior importância e grandeza, até a parte mais antiga de uma povoação. A cidade é uma realização muito antiga que marca sua presença na história, através daqueles elementos que assinalam o advento do que se considera civilização. Devido a longevidade, as cidades acabam passando por muitos processos de territorialização, desterritorialização e re-territorialização de todo seu espaço. Esses processos acabam modificando também os espaços da morte, ora localizados nas cidades, ora ao redor destas – sempre de acordo com a cultura da época.

Perante essa afirmação, o presente artigo tem como objetivo discutir as alterações causadas pela sociedade na morte do cristão e a consequência na organização do espaço das cidades. Para isso será utilizada a paisagem das cidades de São Cristóvão, Laranjeiras, Estância e Nossa Senhora do Socorro que estão entre os territórios apontados como os primeiros núcleos de povoamento de Sergipe e também a Capital do Estado Aracaju, além de documentos de antigos presidentes de província (que mencionam a localização de antigos cemitérios, e a mudança do local dos enterramentos), e ainda bibliografia existente sobre a morte.

A premissa inicial é que toda cidade ou espaço urbano se reconstrói na medida em que a sociedade se desenvolve, e consciente ou inconscientemente reorganiza seu meio. Dentro dessa afirmação, pode-se completar que a sociedade vai culturalmente se

¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, n.16, p. 285, 1995.

modificando e “modificando” a localização do espaço da morte. Mesmo que a forma de uma cidade, seus prédios e movimento contem a história não verbal do que essa vivenciou um dia, por mais que este patrimônio tenha sido preservado, os espaços e sociedades se alteraram inexoravelmente, seja enquanto estrutura, função ou significado². No caso das cidades modernas, metrópoles de fato ou por atribuição de seus habitantes, que a vêem e sentem como tal, a complexidade da vida e as sucessivas intervenções urbanísticas são agentes de descaracterização e mesmo de degradação do espaço³.

A MORTE COMO ORGANIZADORA DO ESPAÇO

A organização, conseqüente reorganização, do espaço de uma cidade acontece constantemente. Essas transformações podem acontecer como modificações rápidas ou lentas, e estão sempre ligadas a mudanças na cultura e identidade de um povo.

As discussões sobre gênero de vida ou modos de vida se iniciaram com Vital de La Blache, que o definiu como conjunto de técnicas e costumes, construído e passado socialmente. Os modos de vida, nessa concepção, não são perenes nem eternos. Mesmo compostos por elementos de organização e fixação, passados hereditariamente estão permanentemente sujeitos a modificações ocasionadas por alterações do próprio meio ou pelo contato com outros modos de vida.

Todavia, é necessário esclarecer que não somente o modo de vida evolui, como também a noção transforma-se⁴. Sendo que, apenas com a destruição de um antigo modo de vida é possível emergir um novo que coincida com as novas condições. O modo de vida modifica-se sempre e juntamente com o modo de produção (novas condições), e a destruição de qualquer modo de vida pressupõe a dissolução das antigas condições de existência. Destarte, qualquer transformação no modo de vida altera também a cultura e identidade de uma sociedade⁵. E alterações na sociedade acabam

² SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: USP, 2002.

³ PESAVENTO, S. J. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995, p. 279-290.

⁴ MAIA, Doralice Sátyro. A Geografia e o estudo dos costumes e das tradições. **Terra Livre**, São Paulo, n. 16, p. 71-98, 1º semestre 2001.

⁵ GRANOU, André. **Capitalismo e modo de vida**. São Paulo: Apontamentos, s.d.

influenciando, entre outras tradições, o modo de encarar a morte e os espaços destinados a ela.

Antes mesmo do homem ter uma moradia fixa, de pensar num aglomerado populacional ou em sua origem, já definia o local onde estavam seus mortos. No caminho do homem mais antigo, encontra-se uma cerimoniosa preocupação pelos mortos, manifestada em seu sepultamento deliberado, que acaba gerando um local fixo de encontro, um ponto contínuo de fixação. Desse modo, constata-se que os mortos foram os primeiros a ter uma morada, um espaço, onde o grupo os enterrava e para onde, provavelmente, os vivos retornavam a intervalos regulares⁶. Esses espaços seriam o início da formação das cidades, dos aglomerados humanos que viriam a nascer. Nesse sentido, pode-se dizer que as cidades nascem como território da morte e não deixou de sê-lo.

O mais antigo indício da existência de um espaço para a morte e consequentemente seu culto é encontrado nos enterramentos do homem de Neanderthal, nos quais além dos ossos são encontrados pólen, ossos de animais, ornamentos e restos de minérios⁷ (produtores de tintas). Com o tempo e a fixação do homem, criação das cidades, o espaço da morte foi ganhando requintes chegando a túmulos monumentais, a exemplo das pirâmides do Egito.

Na antiguidade, nas civilizações berços da nossa cultura (Grécia e Roma), a base da construção das cidades e sociedades era o poder dos homens, um estado centralizado nos homens. Por isso, a morte nesse período não fazia parte das cidades enquanto território visível, esse estava localizado afastado do convívio dos humanos, principalmente nos campos e estradas ao redor das cidades. Eles acreditavam que estavam colocando algo vivo no túmulo, tanto que chamavam a alma do morto antes de fechar o túmulo⁸, por isso necessitava ficar distante do convívio humano para não influenciar um na vida do outro, além de não causar medo.

Porém, as cidades eram território invisível da morte, ela era cultuada no dia-a-dia através de um altar que mantinham em casa, escondido, destinado apenas aos

⁶ MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

⁷ DE MASI, Domenico. **Criatividade e grupos criativos**. Tradução Lea Mazi e Yadyr Figueiredo. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

⁸ COULANGES, Fustel. **A Cidade Antiga**: estudos sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia e de Roma. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 1998.

familiares. Tanto gregos, quanto romanos acreditavam que se cessasse de oferecer aos mortos o repasto fúnebre, logo os mesmos sairiam de seus túmulos e iriam assombrar os vivos. Os rituais e cultos nessa época eram destinados a família e nunca compartilhados com outras pessoas. O túmulo, também, era destinado apenas a família, onde os mortos repousavam um após o outro, sempre juntos, não colocando ali ninguém que não tivesse o mesmo sangue.

Com a instauração do cristianismo como religião oficial do Estado, esse cenário se modificou. As cidades começaram a centralizar seu poder na Igreja. Nesse novo cenário a organização das cidades se altera: a Igreja com seu espaço sagrado e os territórios que ela constrói será o centro gravitacional das cidades.

A obrigação religiosa criou uma centralidade que pesava sobre todas as funções da cidade: as casas são construídas na proximidade ou em torno da Igreja para beneficiar os deslocamentos⁹. Nesse contexto, os rituais fúnebres, que sempre estiveram anexados à religião e estavam localizados fora das cidades, vilas e feudos, entraram nelas, mais precisamente nas igrejas, ao redor delas e na vida da população¹⁰.

Dessa forma, as igrejas se apropriaram da morte, territorializaram a morte, anexando ao espaço sagrado o território mortuário. Isto porque, a Igreja construiu seu espaço sagrado e desenvolveu práticas para controlar o território. Uma dessas práticas são os enterros dos cristãos que transforma uma parte do espaço sagrado da igreja, em território mortuário, esse domínio seria a territorialização¹¹. Aqui utilizando territorialização como um “conjunto de múltiplas formas de construção/apropriação (concreta e/ou simbólica) do espaço social, em sua interação com elementos como o poder”.¹²

Na Europa, essa territorialização da morte aconteceu no início da Idade Média, e esse território se manteve até o final do século XVIII, época em que os mortos eram enterrados nas igrejas perto dos mártires, santos, padres e clero em geral. As normas pregavam que para o morto ser enterrado nas Igrejas a família precisaria ter prestígio e, sobretudo bens. A Igreja era dividida conforme as posses do morto, deixando explicito a

⁹ CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORREA, R.C.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

¹⁰ ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

¹¹ ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: UERJ/ NEPEC, 1996.

¹² HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, 2002.

relação de poder existente. Os locais mais procurados eram o coro, a sacristia e sob o banco que a família usava durante as missas. Esses bancos eram cadeiras ou mesmo o local que a família ficava, mesmo em pé, durante a missa. Já no adro “eram enterradas as famílias de menor poder aquisitivo, mas que ainda podiam pagar, fugindo aos enterramentos na vala comum”.¹³ A vala comum era destinada aos pobres, indigentes – valas afastadas das igrejas, onde nem a água da chuva que corria sobre o teto da igreja conseguia chegar. Os excomungados, supliciados apodreciam sem ser enterrados, somente embaixo de uma pilha de pedras.

Em se tratando do comportamento cultural, do modo de vida, a morte nessa época era tratada diferentemente. Quando uma pessoa morria, ou estava a vias de, a cidade toda vivia esse momento, compartilhava a dor da família e todo o ritual¹⁴. Então, a cidade se transforma nesse período em território visível de culto aos mortos.

Os momentos antecessores à morte eram passados em casa, sobre a cama que o futuro morto utilizou a vida toda, em companhia de familiares, amigos e desconhecidos, era um momento cheio de glamour. Antes de morrer, o moribundo se confessava, certificava-se que suas últimas vontades seriam realizadas, rezava, perdoava ofensas, pedia perdão, reconhecia paternidades, doava bens, libertava escravos, etc. Ao morrer os familiares velavam o morto de forma demorada, cercados de muitos familiares, amigos e também desconhecidos – a morte era um verdadeiro acontecimento social que mostrava o poder das famílias. Antes do enterro o morto era banhado, barbeado, maquiado, cortava-se as unhas, arrumava o cabelo, era vestido com roupas próprias para o momento: roupas incrementadas, que representavam santos, anjos, arcanjos tais como São Francisco, Nossa Senhora da Conceição, Arcanjo Miguel, dentre outros (a mortalha). Tudo de acordo com as especificações do testamento de suas últimas vontades. Era feito um cortejo fúnebre, contendo a quantidade de padres indicada, escravos, familiares, amigos e desconhecidos, era tocado o sino, acendidas velas, e, no final, era colocado no jazigo perpétuo da família, na igreja que sempre frequentou. Diante disso, pode-se dizer que toda a cidade se conformava em ser um território da morte.

¹³ CARVALHO, Fernando Lins de. **Vizinhos, sim; enterros à parte**. Os Cemitérios Santa Isabel e São Benedito. Aracaju, SE (1862-1933). Dissertação. (Mestrado) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2003.

¹⁴ REIS, José João. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: NOVAIS, Fernando. (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

Por conseguinte, a paisagem das cidades também remetia à morte, pois as cidades que tinham o cristianismo como religião do Estado, apresentavam a mesma forma: a maioria estava localizada em lugares altos, preferencialmente numa colina, cercada por Igrejas e cemitérios. As Igrejas eram construídas muito próximas umas das outras, uma para cada ordem e classe social¹⁵.

Todavia, nessa época, Idade Média e início da Modernidade, as cidades eram castigadas constantemente por surtos epidemiológicos. O início do Século das Luzes trouxe consigo o estudo e a atenção para as ciências médicas. As idéias iluministas chegaram pregando a razão acima de tudo e, nesse contexto, a indicação dos perigos de contaminação e doenças que poderiam ser causadas pelos corpos enterrados nas igrejas. O desenvolvimento e o crescimento dos estudos médicos comprovaram que os constantes surtos eram provocados pela proximidade entre vivos e mortos, tanto animais quanto humanos. Por isso era necessário afastar do meio urbano e de qualquer aglomerado humano todo tipo de matadouros e cemitérios¹⁶.

Assim, a desterritorialização da morte na Europa acontece, isto é, a partir dessas novas idéias médicas, a morte é afastada e, concomitantemente surge uma nova forma de encará-la. A desterritorialização seria a perda de poder de um dado território, perda essa entendida como um enfraquecimento da atividade específica do local¹⁷, no caso da morte, a perda do poder exercido pela Igreja com relação aos seus fiéis. A desterritorialização se deu, então, pela proibição dos enterramentos dentro dos templos que provocou uma mudança na atitude das sociedades cristãs oitocentistas diante da morte.

A partir desse momento, a morte perde o luxo anteriormente proferido, isto é, os rituais mortuários passam a ser cada vez mais simplificados. Primeiro com relação ao local do descanso eterno, agora passa a ser feito num cemitério, afastado das aglomerações. O morto começa a fazer o testamento não mais para doar bens para a Igreja, mas sim para distribuí-lo entre seus familiares. A passagem pela Igreja começa a ser rara, a roupa de enterrar é a usada no dia-a-dia. Os cortejos fúnebres, com a chegada

¹⁵ BONJARDIM, S. G. M.; BEZERRA, D. C.. Lápides, Ossos e Miasmas: A Reinvenção da Morte. **Anais do 4º Workshop Arqueológico..** São Cristóvão: UFS/ MAX/PETROBRAS, 2006, p. 225-234.

¹⁶ COSTA, Maria Clélia Lustosa. **Os cemitérios e a especialização da morte.** Revista de Geografia: Recife, UFPE, 1996.

¹⁷ HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

dos carros, das empresas de velório, passam a ser cada vez mais raro. O sino também não toca o dia todo, só serve para anunciar uma morte, não é mais um símbolo de ostentação. A preocupação em mostrar a importância do morto, agora começa a ser representada em forma de jazigos monumentais em áreas centrais nos cemitérios.

Porém, em alguns locais essa aceitação não foi tão fácil de ser instaurada. O mais comum eram revoltas e/ou destruição dos cemitérios. Na verdade, em cada local essa mudança aconteceu numa velocidade. Todavia, mesmo depois de instalada a proibição de enterros dentro das igrejas, essas normas demoraram a ser realmente seguida, principalmente pelos mais abastados¹⁸.

Vários estudos discutem o real motivo de aceitação pelos vivos de uma nova área para os enterramentos. Com fim da batalha contra a fome e com os novos tratamentos médicos a população cristã passa a pensar mais em suas vidas e deixa de lado os mortos; principalmente pela influência e disseminação das idéias burguesas mercantis¹⁹. Percebe-se, então, que uma modificação no modo de vida acaba causando uma mudança na cultura e identidade do homem desse período.

Desse modo, nas cidades antigas com o fim dos enterramentos santos, o espaço se reorganiza. Os enterramentos deixam de acontecer nas igrejas; a morte, portanto, é desterritorializada. No mesmo período que a morte perde o território das igrejas, a própria Igreja Católica também perde seu espaço sagrado, com a chegada do Século das Luzes e também do modernismo²⁰. Esse fato explicita a afirmação já mencionada sobre o fator econômico transformar o modo de vida²¹.

Por conseguinte, a Igreja Católica Romana vem, em dois mil anos, mantendo uma unidade político-espacial. Mesmo o espaço sagrado das cidades se modificando a denominação paróquia permanece até os dias atuais. “Lembremos que o território favorece o exercício da fé e da identidade religiosa do devoto [...] O território religioso

¹⁸ REIS, João José. **A Morte é uma Festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

¹⁹ COSTA, Maria Clélia Lustosa. Os cemitérios e a especialização da morte. **Revista de Geografia**, Recife, UFPE, 1996.

²⁰ CARVALHO, Fernando Lins de. **Vizinhos, sim; enterros à parte**. Os Cemitérios Santa Isabel e São Benedito. Aracaju, SE (1862-1933). Dissertação (Mestrado) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2003.

²¹ GRANOU, André. **Capitalismo e modo de vida**. São Paulo: Apontamentos, s.d.

se modifica para melhor corresponder à afirmação do poder”.²² Isto é, mesmo não tendo o poder de outrora e, cada vez menos adeptos, essa continua como uma marca cultural na paisagem das cidades. Com o passar do tempo, portanto, o espaço sagrado muda, aumenta ou até mesmo diminui e na Idade Moderna acontece essa redução.

A diminuição do território da Igreja reorganiza o espaço das cidades. Primeiro, os cemitérios deixam as Igrejas e sua área circundante e são transferidos para áreas distantes dos aglomerados. Depois, as áreas circundantes das igrejas são transformadas em habitações, praças, áreas de lazer, etc. A morte é re-territorializada longe dos aglomerados seguindo normas sanitárias de construção, sobretudo com relação ao tipo e inclinação do terreno. À desterritorialização se segue uma re-territorialização, pois não há “fim do território”.²³ Essa mudança no local dos enterramentos causa uma mudança na organização das cidades. É a cultura, o gênero de vida em transformação.

Nas cidades nesse momento não se vê mais manifestações de luto: tocar de sinos, cortejos, velas queimando, cenas de choro, etc. Os terríveis miasmas, motivo do afastamento dos mortos, que prejudicavam a saúde da população diminuem, as pessoas passam a temer a morte, independente da forma que ela ocorra. Com relação ao espaço de descanso do morto, os cemitérios agora são pensados sempre para se localizarem nas periferias das cidades, longe do convívio dos vivos. As novas cidades não têm essa paisagem de fé, não são mais construídas tantas igrejas, hoje são pensadas como cidades econômicas, desassociadas da religião. As cidades na atualidade são construídas com muito concreto, com poucas áreas verdes, áreas de lazer, são locais modernos, com construções atuais. Isto é, um local que o “antigo” não tem espaço, que a insalubridade é combatida e afastada.

Assim sendo, a cultura, não é algo que funciona através dos seres humanos, ao contrário, tem que ser constantemente reproduzida por esses em suas ações da vida cotidiana²⁴. Os novos modos de encarar a morte estão fazendo reorganizar as cidades. O modelo antigo não é mais seguido, as cidades não são pensadas com divisão entre cidade

²² ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p.187-224. P. 195.

²³ HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

²⁴ COSGROVE, Denis E. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs). **Paisagem, tempo e cultura**. 2 ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2004, p. 92-123.

alta e cidade baixa. O modelo da Igreja em local de destaque não é mais seguido. Uma cidade que ainda siga esse modelo de templo católico em destaque, divisão entre cidade alta e baixa nos remete a uma cidade antiga, sem um modo de vida condizente com a paisagem.

Comparando os rituais da morte, criadores do território invisível, da antiguidade com os atuais pode-se afirmar que no século XXI, a morte foi banida da vida das pessoas, os mortos morrem nos hospitais, de repente ou não, isso não importa mais, o que importa é à distância do sofrimento. Ninguém mais pensa na morte, evita-se falar da morte, não existe mais o planejamento da morte. Os cemitérios, muito frequentados na Idade Média, viraram passeio de uma vez ao ano – no dia de finados²⁵. Raras são as pessoas que visitam seus mortos frequentemente, principalmente se faleceram há tempos.

Outro ponto que vem ajudando esse esquecimento e desaparecimento da morte na paisagem é a cremação que sempre foi praticada por religiões do Oriente, e chegou ao Ocidente. Os únicos prédios que precisam existir na paisagem são o velatório e o local onde o corpo é incinerado, prédio fechado que em momento algum nos remete a morte das Igrejas e cemitérios. Isto é:

A morte passa a se um fenômeno técnico, dos médicos e da equipe hospitalar, não mais da família. Importa agora que se perceba o menos possível a morte ocorrida; manifestações de luto e emoções são condenadas e abolidas; não se tem mais o direito de chorar a perda de entes queridos. A incineração é o meio mais eficaz e radical de fazer desaparecer e esquecer os restos do corpo, de anulá-los.²⁶

Atualmente uma nova reorganização do espaço urbano está acontecendo, pois os cemitérios distantes, territórios da morte, hoje já estão incorporados pelas cidades, causando problemas de higiene e superlotação. Por isso, a cremação está sendo muito procurada, principalmente por essa não deixar rastro da morte.

A MORTE EM SERGIPE

²⁵ De acordo com Carvalho (2003) isso acontece se a morte for recente, em torno de cinco anos.

²⁶ MARCÍLIO, Maria Luiza. A morte de nossos ancestrais. In: MARTINS, José de Souza. (Org.) **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1983, p. 63.

Os enterramentos mais antigos encontrados no Estado datam de mais ou menos 8.900 anos B.P.²⁷ Esses enterramentos foram localizados no sítio denominado Justino, localizado às margens do Rio São Francisco, no município de Canindé do São Francisco, em 1990 pela equipe da UFS, atualmente sob a guarda do Museu de Arqueologia de Xingó - MAX.

As primeiras ocupações, da área supracitada, datam 11.000 anos B.P.; entre 2.000 e 1.000 anos B.P. foi intensamente utilizado como cemitério indígena. No período final da sua utilização como necrópole, a prática da incineração generalizou-se nos rituais funerários²⁸. A grande variação de rituais e tipos de sepultura desse sítio deixa nítida a importância do local. Analisando os enterramentos foram encontrados juntamente com os ossos acompanhamentos funerários como contas e colares, confeccionados a partir de ossos e dentes de animais, além de conchas de moluscos, instrumento em forma de flauta, vasilhames de cerâmica alguns com vestígios animais. O mais importante deste cemitério para esse estudo, é a presença dos rituais, mostrando a cultura da morte e a construção de um território da morte, numa época tão longínqua.

Com a chegada do Português ao Brasil e, especificamente em Sergipe, as regras de enterramentos do homem “branco”, as regras cristãs, começam a ser seguidas. Os jesuítas que aqui aportaram nas suas pregações do cristianismo, ensinaram aos nativos a melhor forma de enterramento e os rituais necessários para a alma partir em paz, dentre eles, os enterramentos santos, em solo sagrado, dentro das igrejas. Assim que se formaram as primeiras vilas, construíram as primeiras Igrejas.

As terras sergipanas foram inicialmente ocupadas para criação de gado e para a plantação de açúcar. Os proprietários mais abastados além de construir em suas terras a casa-grande, construíam também uma capela ou mesmo uma igreja para missas esporádicas e enterrar seus mortos. Em todo o espaço rural do estado de Sergipe, mas, sobretudo no litoral e zona costeira, observam-se igrejas católicas, muitas delas abandonadas, com cemitérios no entorno e lápides em seu interior. Situadas predominantemente, no topo de colinas e próximas a antigas sedes de fazendas, constituindo registro de uma paisagem dominante no passado.

²⁷ Before Present – sigla internacional (Antes do Presente)

²⁸ SIMON, C., CARVALHO. O. A. **Esqueletos humanos pré-históricos do sítio Justino: as informações paleoantropológicas no estudo das sepulturas. Enterramentos na necrópole do Justino – Xingó.** São Cristóvão: UFS/PAX, 1999.

O desenvolvimento da província, a chegada de missões diversas, o crescimento das vilas, mais tarde cidades, ocasionou a construção de uma paisagem muito comum: vilas e cidades com muitas igrejas e ao redor destas os cemitérios. Isto porque tradicionalmente os enterros eram efetuados em espaços sagrados, nas igrejas: o Rico no templo e o pobre fora, ao redor²⁹.

Como em todo Brasil, nesta Província, as igrejas eram divididas por classe social e principalmente por cor da pele. Existiam igrejas de brancos, de pardos e de pretos. Cada igreja tinha seus associados, quando algum viesse a falecer era na sua igreja que seria sepultado. Tal fato era comum nas vilas. No entanto, as pessoas que moravam e trabalhavam nas fazendas eram enterradas ao redor da capelinha, como já anunciado, comum no espaço rural, e com o consentimento do dono das terras.

Nesse sentido, em Sergipe até o século XIX ainda se enterrava as pessoas no interior das igrejas e os menos favorecidos ao redor, fato que na Europa esse tipo de sepultamento já tinha sido banido. Em alguns estados do Brasil já estava acontecendo à mudança para os cemitérios; porém, em Sergipe, somente a partir da metade do século XIX são construídos os primeiros cemitérios longe das igrejas, e a cultura dos enterramentos começa a ser alterada.

Na verdade, a visão dos enterramentos nas igrejas somente começou a ser modificar com as epidemias de Cólera que atingiu vasta área do império brasileiro, entre os anos de 1855-1856, inclusive a Província de Sergipe. No Estado não havia cemitérios estruturados, seguindo as normas higienistas, tão em pauta no Brasil oitocentista. Assim, os sadios frequentando o mesmo ambiente que os mortos pela Cólera só fizeram castigar ainda mais a Província.

Levando isso em conta, o presidente da época Salvador Correia de Sá (1856), proibiu os enterramentos nos templos católicos em nome da higiene e da saúde. Providenciou com isso a construção de cemitérios públicos em toda Província que deveriam seguir as normas estabelecidas na França. Assim, a partir desse momento as cidades sergipanas começam a se organizar, reorganizar para banir a morte de seu espaço urbano. Diferentemente de alguns locais, que aconteceu resistências e revoltas

²⁹ CARVALHO, Fernando Lins de. **Vizinhos, sim; enterros à parte**. Os Cemitérios Santa Isabel e São Benedito. Aracaju, SE (1862-1933). Dissertação (Mestrado) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2003.

populares, em Sergipe esse afastamento dos mortos ocorreu de maneira tranquila e gradativa.

Apresentam-se a seguir características de algumas cidades que guardam em seus sítios registro significativo de igrejas e da paisagem da morte: São Cristóvão (1590, primeira vila de Sergipe); Laranjeiras (Com ocupação datada de 1605, cidade em 1832, quando foi desmembrada de Santo Amaro das Brotas), Estância (existem registros desse território como a primeira ocupação do território, título de cidade somente em 1831, quando foi desmembrada de Santa Luzia); Nossa Senhora do Socorro (antiga moradia dos índios, núcleo de povoamento jesuítico, desmembrada de Santo Amaro das Brotas em 1835) e Aracaju, planejada sob o signo da modernidade, em 1855.

A PRIMEIRA CIDADE DE SERGIPE: SÃO CRISTÓVÃO

Com a conquista de Sergipe por Cristóvão de Barros, este fundou a povoação de São Cristóvão, a cidade mais antiga de Sergipe, que foi também a primeira capital do Estado. A cidade desenvolveu-se segundo o modelo urbano português, em dois planos, a cidade alta com a sede do poder civil e religioso e a cidade baixa com o porto, as fábricas e a população de baixa renda. A paisagem de São Cristóvão é típica do período colonial brasileiro com muitas igrejas e casarões antigos, todos localizados na parte alta da cidade.

Antigamente, quando o modo de vida exalava o catolicismo, a população são cristovense vivia para seguir, em todos seus atos, os costumes cristãos. Por isso, em todas as igrejas da área urbana e rural existia um cemitério para os enterramentos. A cidade era, tanto pelos enterros quanto pelos rituais fúnebres, território da morte, pois os costumes eram seguidos pela população dentro de todos os preceitos e rituais estabelecidos.

O número de ordens eclesiásticas, irmandades e ordens terceiras numa cidade pequena como São Cristóvão era de assustar, dez Igrejas somente na área urbana, dessas duas eram de ordens terceiras, duas somente de irmandades, uma das freiras, duas estão anexas a conventos de ordens eclesiásticas e três somente o templo: a matriz, a dos beneditinos (destruída) e a última dos jesuítas (depois da expulsão desses ficou abandonada e hoje só restando à marca do local onde se encontrava). A cidade era

organizada em torno dessas igrejas, principalmente a parte rica, que representava também o poder do Estado.

Com os vários surtos epidemiológicos que aconteceu no estado, os enterros nos templos e na área urbana foram suspensos, mudando todos para os cemitérios que estavam sendo construídos afastados da aglomeração. O primeiro cemitério surge na segunda metade do século XIX, para onde eram levados os mortos. Todavia, o cemitério não existiu por muito tempo, pois estava próximo da população e não seguia as normas higienistas³⁰, dele existe o resto dos túmulos que a população residente no local utiliza para separar os terrenos. O outro cemitério, existente atualmente, data da primeira década do século XX, está localizado numa colina que antigamente ficava fora da cidade hoje incorporado por essa.

A existência de cemitérios acabou, pouco a pouco, mudando os costumes em relação aos enterros e ritos fúnebres, ou seja, transformando o modo de vida da população, conseqüentemente a organização da cidade.

Com o tempo os cemitérios que se encontravam ao redor das igrejas foram destruídos com a urbanização, não sobrando nada além de histórias de pessoas que concertam encanamento e quando executam seu trabalho ao redor das igrejas encontram ossos humanos e lápides enterradas³¹. Assim a cidade perdeu o território visível da morte, no interior das igrejas os enterramentos também acabaram.

Hoje os enterramentos das igrejas não existem mais, somente resquícios do que um dia foi o território visível da morte. Nos templos encontram-se lápides em seus interiores. Todavia, a maioria das lápides foi retirada nas sucessivas reformas que enfrentaram. Isto é, com as reformas as lápides foram sendo cobertas por novos pisos. E com o tempo, os rituais foram perdendo o significado com a dissociação, no fim do século XIX, do Estado com a religião. E, com o fim de uma religião oficial do Estado, o catolicismo perde aos poucos sua força e seu domínio sobre os mortos.

³⁰ As normas especificavam que antes de se estabelecer o local era necessária uma análise do terreno para verificar o tipo de solo, localizar o lençol freático (sua profundidade), o tamanho do terreno, as condições de higiene do local, a taxa de crescimento e mortalidade da população, a altura para garantir a circulação do ar e a direção dos ventos (para espalhar os odores e não levá-los para as cidades), a distância do aglomerado urbano (não poderia ser muito longe, para permitir que as famílias visitassem seus mortos), tudo para evitar que o cemitério continuasse a ser um problema e antro de proliferação de doenças.

³¹ BONJARDIM, S. G. M.; BEZERRA, D. C. Lápides, Ossos e Miasmas: A Reinvenção da Morte. *Anais do 4º Workshop Arqueológico*. São Cristóvão: UFS/ MAX/PETROBRAS, 2006, p. 225-234.

Atualmente, mesmo existindo um número alto de igrejas, o ritmo e modo de vida da população não condizem em nada com as práticas anteriores. A cidade de São Cristóvão, por mais que tenha sido reorganizada com o afastamento dos túmulos, ainda nos remete visivelmente muito ao território da morte, principalmente pelas Igrejas seculares. Porém, o modo de vida pertencente a essa antiga paisagem não existe mais. A cidade e a vida estão em outra frequência, apesar da paisagem.

O POVOADO E OS JESUÍTAS: O ANTIGO PORTO DAS LARANJAS

Igualmente a São Cristóvão a cidade de Laranjeiras é formada por igrejas antigas nas colinas que circundam a área urbana ou em locais visíveis na própria área. Analisando sua história a cidade se formou logo após a conquista de Sergipe por Cristóvão de Barros, pois alguns colonos foram para a região e se instalaram a beira do Rio Cotinguiba. Cem anos depois chegaram os jesuítas e edificaram na região duas igrejas e um convento. A primeira igreja com um convento em anexo, batizaram a nova construção de Retiro pelo sossego da localidade. A segunda construída trinta anos depois foi edificada num dos pontos mais altos do povoado, a igreja de Nossa Senhora da Comandaroba, alguns quilômetros distante da primeira. Com o decorrer dos anos a localidade se desenvolveu, foi construído no local o primeiro porto de Sergipe e outras igrejas vieram se juntar às primeiras.

Diferentemente de São Cristóvão, em Laranjeiras não existiram várias ordens eclesiásticas, nem igrejas dedicadas a ordens terceiras. A área urbana conta com cinco Igrejas todas dedicada a irmandades: do Sagrado Coração de Jesus, do Senhor do Bonfim, de Nossa Senhora da Conceição dos Pardos, de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e do Bom Jesus dos Navegantes, e uma capela particular. As duas primeiras igrejas construídas pelos jesuítas acabaram ficando distantes do aglomerado urbano, hoje em propriedade particular. Além disso, nessa cidade a organização é diferenciada: a cidade é circulada por colinas onde estão três de suas Igrejas, o aglomerado populacional se desenvolveu num único plano ao redor do porto da cidade.

No século XIX, como toda a província de Sergipe, Laranjeiras foi acometida pela cólera, que se espalhou rapidamente vitimando grande número de pessoas. Nesse momento os enterros nas Igrejas foram proibidos, os cemitérios urbanos desativados. As

vítimas da cólera foram enterradas em valas comuns³² no alto da Santa Cruz (numa das colinas que foi marcada com uma cruz no início da povoação), para evitar o contágio com os vivos, principalmente porque o cemitério não estava, ainda, construído. Nesse momento, com a chegada dos conceitos de modernidade tanto o modo de vida quanto o espaço da cidade foi reorganizado, as áreas de antigos enterramentos foram transformadas em praças, ruas e jardins, este ato apagou totalmente os locais de enterramento externos. A população, devido à possibilidade de contágio da cólera, aceitou pacificamente a construção do cemitério e a mudança de repouso dos mortos.

Na atualidade, por mais que tenha sido afastado o território da morte, as Igrejas ainda existem na cidade, bem como casarões de outra época. A cidade de Laranjeiras nos remete a paisagem do século XVIII, desde as construções até o calçamento das ruas. Porém, o modo de vida da população está em outro ritmo, muito mais voltado para a modernidade do que para a religião.

Com relação às igrejas construídas no início da colonização, principalmente as dos engenhos, em área rural, encontram-se abandonadas no meio de propriedades particulares e estão destruídas, juntamente com seus cemitérios. Exemplos: Igreja Jesus, Maria e José; Igreja Manilha; Gamelera; São Pedro; entre outras. As igrejas localizadas na cidade ainda estão erguidas, mesmo um pouco deterioradas pelo tempo e pelos cupins. No interior delas encontram-se lápides tumulares, sendo algumas do século XIX e outras do século XX, principalmente de padres³³.

O JARDIM DE SERGIPE: A CIDADE DE ESTÂNCIA

Estância é tida como o mais antigo núcleo de Sergipe, mas oficialmente somente surgiu com a doação em 1621 da sesmaria a dois mexicanos: Pedro Homem da Costa e Pedro Alves. Mesmo sendo o primeiro local de povoação, essa cidade também não foi construída seguindo o modelo português de ocupação em dois planos, tão utilizado na época. A região recebeu muitos colonizadores que ali se estabeleceram plantando algodão, cana-de-açúcar, mandioca, criando gado.

³² A maioria foi enterrada nessas fossas, principalmente os menos abastados e os que não pertenciam à irmandade do Bomfim, única a possuir cemitério afastado do aglomerado urbano.

³³ BONJARDIM, Solimar Guindo Messias. **Percepção e representação da morte nas paisagens arqueológicas de São Cristóvão e Laranjeiras**. Dissertação (Mestrado) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2009.

Assim foi se formando a ocupação. Por seguir as leis portuguesas, logo foi erguida a primeira capelinha, com a Imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, santa de devoção dos colonizados Pedro Homem e Pedro Alves, que foi trazida por eles. Estância por não ser, nem centro político, nem econômico da província não recebeu ordens eclesiásticas, nem era formada por muitas irmandades.

Dessa forma, a cidade contou somente com uma Igreja onde na parte interna eram enterradas as famílias mais abastadas e ao redor dessa os menos afortunados e escravos. Estância é formada por casarões antigos de seu período áureo, mostrando que a localidade era habitada por pessoas abastadas e importantes no cenário provincial.

Porém, diferentemente de outras cidades do mesmo período, não existem muitas igrejas, nem colinas para a construção dessas. Apesar do tamanho da cidade, somente existe uma igreja do período colonial, a Matriz Nossa Senhora de Guadalupe, construída no mesmo local que a primeira capelinha (mas sem a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe que não existe mais) e outras que datam do século XX. Todavia, por causa de sucessivas reformas e com a mudança do cemitério, nos dias atuais não se encontram lápides ou vestígios de enterramentos no local. O antigo cemitério somente foi localizado na época da reforma da praça da matriz que revelou algumas ossadas.

Estância, chamada pelo Imperador D. Pedro II de Jardim de Sergipe apresenta ótimos ares e um clima muito agradável, o que não deveria ser diferente de antigamente. Por isso, não foi encontrado registros de epidemia de cólera no local. Tanto que o cemitério da cidade se localiza numa depressão, diferentemente dos outros e sem relação com as normas higienistas do século XVIII. Ele é formado por uma capelinha com vários enterramentos dentro, desde o final do século XIX (1870). Não consta em nenhum local a data de fundação do cemitério, nem da igreja. Porém, nesse cemitério é onde se encontram os enterramentos mais antigos fora das igrejas no Estado.

Na atualidade, o território da morte nessa cidade não existe mais, isto é, sua forma desapareceu da paisagem urbana e conseqüentemente, como em diversos centros, o que era cemitério hoje é a praça da matriz. Adentrando em Estância encontramos casarões antigos, símbolos de uma época de riqueza, mas o poder da Igreja em demarcar território não foi instalado.

A RAINHA DO COTINGUIBA: NOSSA SENHORA DO SOCORRO

A região onde está localizada a sede do município de Socorro é conhecida dos Portugueses desde o início da colonização. Ali se localizava a tribo dos índios tupinambás que lutaram ferozmente por suas terras. Por ser uma região de ótimos ares e terras muito produtivas, no início da colonização da região, os portugueses estabeleceram no local uma pequena aldeia, seguindo o modelo português em dois planos: a parte alta com o poder civil e religioso, e a parte baixa com o poder econômico. Na verdade a cidade está localizada numa colina, onde a vila, depois cidade, cresceu ao redor da igreja, principalmente colina abaixo.

Quando essa aldeia chegou ao número de 4.200 habitantes foi transformada em freguesia. Essa cidade muito lutou pela sua emancipação, primeiro de Santo Amaro, depois de Laranjeiras e Aracaju. A cidade de Socorro está localizada muito próxima dessas duas últimas cidades, por isso sofreu com a dependência dessas. Caracterizando a cidade, Nossa Senhora do Socorro está localizada numa região alta, trinta e seis metros de altitude. A colina em que a cidade se fixou tem seu ponto mais alto na Igreja, sendo seguida pelo Cemitério Nossa Senhora do Rosário, que se localiza a 100 metros das portas da Igreja.

Como de costume em toda a localidade, os portugueses, precisamente os missionários, logo que se estabeleceram na aldeia fundaram a pequena igreja, em Socorro com o nome de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do Tomar da Cotinguiba, mas somente uma Igreja. Sobre a data de sua construção, uma das mais antigas de Sergipe, não se sabe ao certo. Porém, como todas que ainda estão inteiras e funcionando no Estado, essa já foi reformada e mudada muitas vezes.

Nesta cidade quando e como os enterros deixaram de ser realizados na Igreja e começaram a ser feitos no cemitério não se tem registro, nem de casos de epidemia de cólera, nem do momento da mudança. Como não consta nada nos livros dos presidentes da província acredita-se que essa transição tenha sido pacífica. O atual cemitério tem seus túmulos mais antigos datados do início do século XX, sendo que, antes disso eram todos enterrados na igreja e ao redor desta³⁴.

O cemitério que existia ao redor do templo foi demolido e hoje é uma rua muito larga onde são realizadas festividades e quermesses. Diferente de outros templos, este ainda apresenta muitas lápides no seu interior e também em sua lateral, contando

³⁴ BONJARDIM, S. G. M.; BEZERRA, D. C. Lápides, Ossos e Miasmas: A Reinvenção da Morte. *Anais do 4º Workshop Arqueológico*. São Cristóvão: UFS/ MAX/PETROBRAS, 2006, p.225-234.

com diversos túmulos e um mausoléu completo de pompa pertencente a um Major da localidade.

A população da localidade não se identifica com os enterramentos, hoje o catolicismo não tem mais exigência frenética dos costumes e imposições na vida das pessoas. Na Igreja, nesta em particular, foi observado o medo da população local em caminhar e assistir missas sobre as lápides, tanto que as administrações do templo retiraram algumas delas, deixando claro que aquelas relíquias não pertencem ao moderno modo de vida da sociedade, perderam sua função de existir.

A NOVA CAPITAL DA PROVÍNCIA: ARACAJU E A MODERNIDADE

Do arraial de pescadores do povoado Santo Antônio do Aracaju só sabe-se a localização da igreja. As construções foram derrubadas com o tempo e modernizadas. A Nova igreja de Santo Antônio se encontra construída no mesmo local da antiga, mas a arquitetura e formado estão completamente diferentes. Entretanto não foi do arraial de pescadores que nasceu a nova capital.

A nova cidade de Aracaju se formou com a mudança da capital de São Cristóvão para Aracaju em 1855, num local independente; essa foi construída no meio de antigos mangues, riachos e dunas de areia. Uma cidade moderna e planejada, porém que ainda utilizava costumes medievais – os enterramentos nas igrejas. Alguns documentos antigos de Aracaju apontam a Igreja São Salvador e Catedral Metropolitana (a Matriz Nossa Senhora da Conceição) como local de sepultamento dos mortos, tendo a Igreja de São Salvador o cemitério ao redor.

Nessa época, 1855-1856, ocorreu uma grande epidemia de Cólera em todo o Brasil e na província de Sergipe, juntamente com essa epidemia que castigou a Província foi construído o primeiro cemitério. As verbas para sua construção foram liberadas em sessão extraordinária de 17 de setembro de 1856. O presidente da Província da época Salvador Correia de Sá e Benevides muito lutou para construir os cemitérios e retirar os mortos da convivência diária dos vivos. Porém, na nova capital esse é descrito como de pequenas dimensões, e que não atendia às necessidades da cidade, não era murado possuindo somente uma cerca que a população do local roubava a madeira frequentemente para construção de casas. Muitas vezes, sem o cercamento era livre para a entrada de animais que reviravam a terra e expunham os mortos.

O cenário da nova cidade era um caos de acordo com os documentos do presidente da província, uma área pantanosa, que proliferava doenças e mosquitos, totalmente insalubres para viver. Por isso foi um local que a cólera se instalou com certa facilidade e acabou castigando a população. Este fato mostrava a urgência de seguir-se as normas higienistas.

Em 1860 são iniciadas as obras de outro cemitério com auxílio de um médico para seguir as medidas higienistas tão discutidas naquela época. O novo cemitério foi construído numa elevação, longe da aglomeração urbana. Esse fato acabou retirando do centro urbano o território da morte, sem alardes da população, que por causa da epidemia aceitou rapidamente essa mudança. O que ocasionou, também, o fim da paisagem da morte, pois os enterros pararam de acontecer na Igreja e em seu entorno. O local dos antigos enterramentos foi escondido pelas modificações, tanto da Igreja como ao seu redor.

Atualmente onde existia o cemitério na Igreja São Salvador, se encontra o calçadão central do comércio, onde circulam freneticamente centenas de pedestres. Há, também, as lojas que se encontram sobre esse antigo local. A população no geral não sabe o que existia antigamente no local.

Hoje na capital o território da morte também foi banido da cidade. A Matriz é a única que mantém lápides, mas não as originais, pois com as constantes reformas o piso foi escondido e as lápides de personalidades ali sepultadas foram pintadas no novo piso, não estando mais na localização exata do sepultamento e quase imperceptíveis no piso. Na Igreja São Salvador nada resta.

Portanto, pode-se afirmar que nessa cidade símbolo da modernidade, que já abrigou o território da morte, a forma e função dos espaços se modificaram para não guardar qualquer relação com o território mortuário. Mesmo porque o antigo modo de vida não está mais presente na população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte é um acontecimento, como já demonstrado, em constante mudança. Desde os homínídeos até o homem contemporâneo a morte passou por diversas fases, quando muda o modo de vida das pessoas, conseqüentemente muda o espaço de enterrar e o modo de encarar o fim da vida. O que se percebe sobre a organização do espaço é

que essa é fruto da cultura da época e, juntamente, do gênero ou modo de vida do período.

Em Sergipe, nas Cidades Históricas, como São Cristóvão e Laranjeiras a paisagem dominante até o século XVIII era de igrejas construídas muito próximas umas das outras (o que existe até os dias atuais), com cemitérios ao redor. Com as mudanças, desenvolvimento e crescimentos das cidades a paisagem sofreu modificações: os cemitérios foram substituídos por praças, ruas, jardins e até casas. Igrejas foram esquecidas, muitas totalmente abandonadas, pois, não tem mais para a população atual o mesmo significado que tinha antes, ou seja, não pertence mais ao atual modo de vida.

Portanto, percebe-se que a cultura, o modo de vida de um período influencia e transforma a organização dos espaços. Em alguns casos pode não modificar a paisagem visível, contudo altera a função, estrutura e processos existentes nas cidades, tal como nas primeiras vilas e cidades da Província de Sergipe.

Enfim, a morte como um ritual de perpetuação da família, das classes sociais e como encontro com Deus em lugar sagrado, distancia-se, enquanto representação social do modo de vida das atuais sociedades cristãs, tendo como propulsores o avanço das ciências médicas e a introdução das normas higienistas no contexto do aprofundamento do modernismo. Primeiro, porque a morte foi banida juntamente com seus rituais – desterritorializada das cidades e re-territorializadas fora dessas. Segundo, os doentes começam a perceber que podem se curar e não precisam esperar a morte. Terceiro, o mundo contemporâneo prega a vida. As pessoas agora só querem cultivar a vida e não mais a morte. E enfim, a organização atual das cidades influenciou os vivos no esquecimento dos mortos, levando as pessoas a pensar em como viver e não mais em como morrer.